

4^a Parte

Discursos

Quinze Anos de Literatura*

Dimas Macedo

Quando me interrogo sobre o que poderia dizer a respeito de quinze anos de literatura, a primeira sensação que me ocorre é que estou um pouco insatisfeito com o resultado da minha produção, isto é, a primeira sensação que me ocorre é a de restaurar a escritura de todos os meus textos, como se fosse possível remover as camadas do sonho que edificamos.

Embora consciente de que, fisicamente, não me seria lícito exigir o cumprimento de um projeto quantitativamente maior, superior aos dez livros e aos mais de duzentos artigos que escrevi e consegui publicar, afora a minha atividade de conferencista e de professor, em cursos de Graduação e Pós-Graduação, sinto que a qualidade de alguns dos meus textos deixa a desejar.

A força da expressão eu a classificaria como o componente mais convincente e luminoso do meu estilo e da minha discussão. Pela linguagem e também pelo conteúdo semântico e morfológico, pelas opções e pela forma particular de veicular, a minha mensagem literária é que perquiro o dilema se os meus textos vão ou não vão perdurar, enfrentando as exigências do tempo e os apelos da sua corrosão.

Inicialmente, não posso deixar de registrar o fiasco que foi a minha estréia na literatura. O meu primeiro livro publicado (1978), intitulado *Cor de Estrela*, é um testemunho febril e exaltado da inquietação profunda do meu ser, lavrado porém com as cores da indisciplina e da completa falta de cosmovisão estética e existencial. Os noventa e cinco poemas desse livro, no entanto, valem como retrato histórico de um momento e poderão, talvez, alimentar a sorte de um dia serem reescritos, para que assim eu possa descobrir que tipo de apelo me levou a tecer um conjunto de poemas

* Discurso proferido no Auditório Milton Dias, da Associação Atlética Banco do Brasil, por ocasião do Projeto AUTOR & OBRA, promovido pela AABB/Ceará

totalmente novo, no preciso momento em que o meu ingresso na literatura era um conflito ansioso a me desafiar.

Já diante do meu segundo livro de poemas, para ser rigorosamente sincero, eu não teria dúvida em fazer uma opção de natureza lírica e afetiva, pois na sua companhia aprendi que o mistério supremo do mundo é a paixão e que o amor é uma ilusão feliz e abstrata, tal como as cores que a imaginação projeta nosso sentimento.

A Distância de Todas as Coisas, em verdade, me fez reviver um momento sombrio e, por isto mesmo, perdidamente sensível da minha depressão. Um momento, sem dúvida, que me leva a repensar a opção da infância e o acalanto das minhas miragens e das minhas lúcidas inquietações. Amarga tortura e infinito regresso que, por muitos anos, não me permitiram dormir, aguçando-me, desta forma, o fio condutor da investigação, recortado e ferido de morte desde as minhas mais longínquas intelecções.

É claro que a sublimação desse passado recortado de marcas profundas e muitas vezes evanescentes e imperceptíveis me despertaria o sentido de pesquisar as referências ao clã político da Religião do Médio Salgado e a trajetória dos meus austeros e mitológicos ancestrais, esses meus queridos fantasmas que se fixaram como mangabeiras frondosas nas lavras de ouro do Sul do Ceará e que me ofertaram a oportunidade de colher o desempenho das suas aventuras, numa exaustiva pesquisa que talvez expresse a minha melhor realização de escritor.

Refiro-me a um livro que considero costurado por uma linguagem tensa e elegante e por um carinho bem particular. Trata-se de um espelho no qual costumo mirar as raízes atávicas da minha dispersão. Efetivamente, os meus *Laurenses Ilustres*, pela metodologia de pesquisa que nele consegui empregar, pela expressão simbólica com a qual ele me induz a vasculhar e a reviver as minhas origens, pelo estilo conciso e essencialmente literário que as suas páginas contêm e pela importância regional que ele conseguiu alcançar, não deixa de constituir um livro que muitos historiadores talvez gostassem de um dia poder escrever.

Algumas Palavras, pelas circunstâncias nas quais terminou sendo produzido, é um livro que praticamente sugere uma ponte entre o poeta e o historiador, entre o mundo real e encoberto das

minhas alegorias dispersas e o universo misterioso que a linguagem poética me ensinou a pesquisar. Revela o embrião do crítico que, dentro de dois ou três anos, iria se consolidar, de forma irreversível, no meu projeto de interrogação mundividencial.

Neste pequeno e esquecido caderno de memórias da Infância, e de torturas da adolescência, expõe-se a face sensível e sutilmente dilacerada de um inquieto escritor, hibernado no pântano levemente doloroso da incompreensão. Exibe-se em suas páginas o discurso de um ser angustiado e insone, comprometido clandestinamente com a ruptura, porém mergulhado num drama de profundas e indeléveis raízes existenciais.

A descoberta do mundo e a apreensão de uma circunstância menos abstrata e insólita somente se processaria dois ou três anos depois. Nasce com o crítico, assíduo colaborador de páginas de jornais, e projeta-se na conscientização do escritor, politicamente envolvido com os conflitos existenciais do seu meio e aberto também para a necessidade de compreender os valores e desvalores da literatura, em toda a sua humana e transformadora dimensão.

A leitura aí entendida como processo de assimilação de todo um contexto social, a esconder-se por trás do sentido literário da comunicação. Daí a opção pela análise de sugestão conjuntural, ao invés da dimensão estrutural que toda grande ou pequena literatura contém. *Leitura e Conjuntura*, portanto, é o livro que me coloca diante do desafio e da perquirição de um projeto de politização cultural, que me pudesse parecer despido da alienação e da falácia do engajamento.

Neste sentido é que me autorizo devoto da chamada metáfora do reflexo, para aqui prestar uma homenagem ao grande filósofo e pensador marxista húngaro Georg Lucáks, para quem a literatura consiste na tipificação figurativa da realidade, com vistas à transfiguração metafórica do concreto real.

Apraz-me, pois, destacar a minha atividade de crítico numa terra onde pouco se inova e muito se produz. Grato me é também observar que os meus textos de crítica já transpuseram algumas fronteiras daqui e do além e foram carinhosamente acolhidos em outros espaços culturais.

Resta-me agora repensar uma outra forma de investigação, aquela que os meus *Ensaio de Teoria do Direito* contém.

Nessa argumentação de ordem filosófica o que ressaí é a tentativa de apreensão formal do fundo do direito, que ora renuncio, na busca de compreender o fenômeno jurídico para além da sua dimensão ritual e retórica e enquanto linguagem, e elemento de percução. Hoje estou definitivamente convencido de que o direito não se pode fazer interpretar unicamente a partir da sua positividade e da sua impositação. Como profissional do direito estou parcialmente em crise e atualmente descrente da sua salvação. Creio, entretanto, que a militância desapaixonada de alguns solitários e quixotescos cultores da crítica do direito, assim como eu, talvez pudesse libertar a ciência jurídica da sua hibernação e das aporias nas quais ela sem querer se enredou.

Contudo, se por um lado rejeito as minhas incursões na área da teoria do direito, por outro não posso dizer que *O Discurso Constituinte* não represente para mim um momento de lucidez e de consciente proposta de investigação. Penso que com a publicação deste livro não me sai totalmente ruim. Colocado à margem dos limites que lhe exigiram a realização, creio que o mesmo, quando estiver definitivamente reescrito, surpreenderá as minhas possibilidades e instâncias de interpretação.

O ano de 1988 marca a publicação das minhas *Notas para a História de Alto Santo*, onde me debruço, particularmente, sobre o povoamento e a evolução sócio-política daquele município do Ceará, pagando desta forma um tributo aos encantos com que me aferrei a toda uma rica tradição familiar. Ao balanço das redes de varanda, no alpendre da Casa-Grande da Barroca Funda, me foi ofertada a oportunidade de degustar o romance *Flagelados de Primeira Classe*, de autoria de Nanjes Campos, com prefácio de Josué Montello e apresentação de Mário Linhares. Terminada a leitura do enredo estava em exaustão. O cenário e quase todos os personagens que saltitavam diante dos meus olhos tinham a Fazenda Barroca Funda como referência principal. Ali, nas páginas daquele livro, estavam os ancestrais dos meus filhos e da minha mulher, quase todas vítimas fatais da epidemia e dos efeitos da seca de 1932. Os lances dramáticos da epopéia de João Quincó, simbolizando a chacina da Fazenda Armador, o holocausto dos trabalhadores rurais da região, espoliados pela indústria da seca, também estavam ali a me

expiar. Os instantes mágicos de emoção e beleza, caracterizados em *Flagelados de Primeira Classe*, me fizeram mergulhar no sono dos arquivos e deles extrair a minha proposta de leitura segundo as exigências que a nova historiografia nos impõe.

Se tivesse que escolher uma diretriz para o meu pensamento literário e político, certamente saberia ficar com as páginas, para mim cativantes, de *A Metáfora do Sol*, não pelo sentido polêmico do discurso por mim veiculado, mas pelo conteúdo profundamente humano e exaltado, da militância das minhas conclusões.

Por último, já não me é possível esquecer que reincidi na arte literária. Refiro-me à poesia que se contém em *Lavoura Úmida*, Fortaleza, Editora Oficina, 1990, com certeza o meu livro de poemas mais irregular, quer quanto à disciplina dos experimentos poéticos, quer quanto à unificação da postura temática. Os poemas de *Lavoura Úmida*, no entanto, apesar de díspares, nunca me pareceram desprovidos de tratamento estético relevante. Devem ser tomados e medidos como um delírio político e amoroso quase coletivo, como uma fase de transição literária, recheada de muita indecisão e desapontamento.

Neste segundo semestre de 1991, contudo, já me é possível prever que a primeira fase da minha formação literária esgotou a sua evolução. Sei que não mais terei que reescrever os livros que editarei a partir de 1992. Um novo ciclo de maturidade e de lapidação literária é certo que se abrirá para mim. O que não posso esquecer, no entanto, é que muito ainda terei que apreender e que os primeiros quinze anos de vida literária dizem muito pouco, principalmente para um escritor inconformado e em constante processo de transformação.

Consciente das minhas possibilidades e do meu projeto de participação, hoje decididamente estou convencido que tenho que mudar. Mas, se por um lado superei as minhas conveniências de intelectual inorgânico, por outro me resta um desafio, que são as barreiras da incompreensão. Sei que a vanguarda ou o exercício retórico do silêncio um dia finalmente terei que assumir, pois na vida mesquinha da província cada um terá o seu lugar. E se a poesia não for a possibilidade, a crítica com certeza será a solução. A lucidez e a busca de verdade, no entanto, assim como os grandes dilemas do

meu tempo, no futuro comigo se encontrarão. O debate nunca foi tão rico quanto no momento. É na dúvida e no jogo secreto do conflito que alimento o sonho de poder mudar de posição.